

ESTUDO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA NO SEGUNDO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE LAGOA SALGADA-RN

Edinalva Sidronêz de Mendonça, Pedagoga,
Professora no Segundo Ciclo na Escola
Municipal Presidente Café Filho, na cidade
de Lagoa Salgada – RN.

RESUMO

Este trabalho investigou as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita do segundo ciclo do ensino fundamental. O local de pesquisa foi uma escola da rede municipal de ensino do Município de Lagoa Salgada - RN. Os sujeitos estudados foram alunos em um determinado meio cultural, na família versus escola e na metodologia oportunizarmos situações de aprendizagem que envolveu a leitura e a escrita como objeto social do conhecimento, propiciando momentos prazerosos, através de histórias, jogos, músicas, questionários, produção de textos entre outros que estimularam e contribuíram para o avanço da criança no estudo do processo de aquisição da leitura e escrita. Em relação aos resultados dos alunos da escola pública, a investigação da situação quanto às dificuldades de aprendizagem, pudemos constatar que algumas destas questões manifestadas neste estudo há problemas com leitura, soletração, exercícios escritos, já nas análises comportamentais, mostram falta de atenção, clareza, erros em palavras. Ao lado deste conhecimento prático, partilham uma grande vivência dos problemas de nossa realidade educacional, e neste caso, essa experiência vai mais adiante da simples verificação da aprendizagem.

PALAVRAS CHAVE: Dificuldades de Aprendizagem; Discalculia; Disortografia.

ABSTRACT

This work investigated the Difficulties of Learning in the Reading and Writing of according to cycle of Basic Education. Involving a school in the Municipal net of education of the City of Salty Lagoon, RN. The studied citizens had been the pupils: in a cultural way, in the family school or of the methodology. Opportunism's situations of learning that they had involved the reading and the writing as corporate object of the knowledge propitiating pleasant moments, through histories, games, music's, questionnaires, production of texts among others that they had stimulated and they contributed for the advance of child in the study of the process of acquisition of the reading and writing. In relation to the results of the pupils of the public school, the inquiry of the situation the Difficulties of Learning, we can evidence that some of these questions, revealed in this study it has written problems with the reading, spelling, exercises, already in the analysis mannering practical, they patrolman a great one lives deeply of the problems of ours educational reality, this experience goes more ahead of the simple verification of learning.

WORDS-KEY: Difficulties of Learning: Dyscalculia and Disortografía

1 INTRODUÇÃO:

O principal fundamento das reflexões e análises sobre as dificuldades de aprendizagem no segundo ciclo pode está repousado na falta de formação do aluno e este problema muitas vezes não é apenas do educando.

Ou em seu ambiente, portanto devemos estar atentos ao seu meio cultural, familiar, escolar e principalmente na metodologia.

Este processo só costuma tornar-se mais evidente, aparte do ensino formal, portanto, a alfabetização é um processo de construção de conhecimento que se concretiza na leitura e na escrita.

Na maioria dos estudos, superamos através de atividades propostas, possíveis dificuldades de aprendizagem, porque é vivenciada diferente situação em que os educando passam exteriorizar, ou (não) suas dificuldades. Essas são práticas que permitem ao aluno construir seu conhecimento.

Procuraremos verificar a influência do estudo, oportunizar situações aprendizagem que envolva a leitura e a escrita como objeto social do conhecimento. É necessário oportunizar a criança, avanços em seu processo na busca da aquisição da leitura e da escrita.

Nós esperamos solidarizar-se com os educando, estimular-lhes a confiança, a vencerem os desafios e conhece-los, bem como aos e seus problemas e necessidades de aprendizagem. Para isso, devemos refletir permanentemente a nossa prática, buscando meios de aperfeiçoá-la.

De acordo com os alunos nos consideramos que proporcionar a ler, ouvir leituras e escrever efetivamente aprende a ler e escrever. Por isso a ênfase maior no trabalho de alfabetização deve ser no texto.

Aqui, nos envolvemos textos informativos, normativos e ainda textos criados pelas próprias crianças, em duplas ou em grupos, reproduzidos oralmente para depois serem escritos.

Foram dadas oportunidades às crianças aplicando leituras de acordo com o gosto das mesmas, levando em conta a faixa etária. Leituras que viabilizem o contar, recontar, encenar, recriar, desenhar e que possibilite o aluno interagir com a história, alternando os papéis de leitor ouvinte.

2 REFERENCIAL TEÓRICO:

2.1 CONCEITO DE LEITURA

São quatro as habilidades da linguagem verbal: a leitura, a escrita, a fala e a escuta. Destas, a leitura é a habilidade lingüística mais difícil e complexa. A leitura é um dos processos de aquisição da lectoescrita e, como tal, compreende duas operações fundamentais: a decodificação e a compreensão.

Decodificação: é a capacidade que temos como escritores, leitores ou aprendentes, de uma língua para identificarmos um signo gráfico por um nome ou por um som. Esta capacidade ou competência lingüística consiste no reconhecimento das letras gráficas e na tradução dos mesmos para a linguagem oral ou para outro sistema de signo.

A aprendizagem da decodificação se consegue através do conhecimento do alfabeto e da leitura oral ou transcrição de um texto. Conhecer o alfabeto não significa apenas o reconhecimento das letras, e sim, entendermos a evolução da escrita como: a) apictográfica (desenho figurativo), b) a ideografia (representação de idéias sem indicação dos sons das palavras), c) e a fonográfica (representação dos sons das palavras). Toda palavra tem uma origem, uma motivação e, a rigor, não é absolutamente arbitrária como quis Ferdinand de Saussure, em seu Curso de Lingüística geral.

Compreensão: é a captação do sentido ou conteúdo das mensagens escritas. Sua aprendizagem se dá através do domínio progressivo de textos escritos cada vez mais complexos (ALLIENDE, 1987, p. 27).

2.2 LEITURA, ESCRITA E ARITMÉTICA.

A criança aprende naturalmente a falar a linguagem do grupo em que vive (linguagem regional ou dialeto).

Segundo (JOSE, 1997, p. 75) através de experiências científicas contatou-se que o sucesso da criança na aprendizagem da leitura e da escrita depende do seu amadurecimento fisiológico, emocional, neurológico, intelectual e social.

Para a pesquisadora o estabelecimento de ensino, pode ser compatível a desenvolver o vocabulário verbal que o educando traz, através de vivacidade pedagógica que deve responsabilizar-se por a aprendizagem da leitura e da escrita.

2.3 A FALA, A LEITURA E A ESCRITA

Estudo da fala em crianças parece convergir para um verdadeiro pensar e agir sobre o inesperado, a fala precede a leitura e esta a escrita.

Segundo Poppovic,(1997, p. 76).

“A fala, a leitura e a escrita não podem ser consideradas como funções autônomas e isoladas, mas sim como manifestações de um mesmo sistema, que é o sistema funcional de linguagem. A fala, a leitura e a escrita resultam da harmonia, do desenvolvimento e da integração das várias funções que servem de base ao sistema funcional da linguagem desde o início de sua organização”.

Ainda segundo o autor citado, o ser humano apresenta basicamente três sistemas verbais: auditiva (palavra falada), visual (palavra lida) e escrita. O primeiro que ele adquiriu foi o auditivo, porque é o mais fácil de aprender e também o que exige menos maturidade psiconeurológica. O mesmo não ocorre com a palavra lida e escrita.

A autora afirma que a aprendizagem da fala necessita de uma palavra equivalente, antes que o vocábulo possa ser usado como semelhante. Para que uma palavra tenha significação, ela indicar com exatidão ser a imagem de uma determinada coesão de conhecimento prático adquirido ao longo da vida.

Concordo com Poppovic, quando afirma que a criança com um distúrbio de linguagem interna terá dificuldade para aprender o significado das palavras e para transformar a experiência em símbolos verbais, como é o caso da criança com afasia global.

Ao entrar para a escola, é esperado que a criança tenha vencido as etapas de compreensão e expressão da palavra falada, para que na época de sua

alfabetização ela possa estar apta a desenvolver os estágios superiores da linguagem, que são, respectivamente, a compreensão da palavra impressa – a leitura – e a expressão da palavra impressa – a escrita (1997, p.76, 77).

2.4 A LINGUAGEM E A FALA

Para aprender a falar, o ser humano precisa ter perfeitos órgãos sensoriais, motores e de articulação, além de um processo normal de evolução do sistema nervoso.

Para as autoras Jose e Coelho, (1997, p.35, 3,37) a compreensão da linguagem parece preceder a compreensão da fala, pois a criança comunica-se através de gestos, olhares e mímica antes de poder se expressar oralmente.

Ela também compreende muitas palavras num estágio bem anterior àquele em que adquire capacidade para articulá-las.

É a partir desses elementos que ele desenvolve uma linguagem correta, clara e lógica, imprescindível à sua integração social.

A pesquisadora compreende a ação de ver o grande valor que se atribui à linguagem, fica claro estimar o conjunto de problemas que tem vivacidade por sujeito possuidor de deficiência nessa área.

Quando o modo de falar tem defeito, pode servir de lição, o fato concentra-se voluntário da mente das pessoas que ouve intrometer-se, por conseguinte, na informação.

2.5 DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E DA FALA

Para determinar a existência de problemas de linguagem, sobretudo em alunos da pré-escola e da primeira série do ensino fundamental, é necessário conhecer as características do processo de desenvolvimento da fala.

Em geral, durante as cinco ou seis primeiras semanas de vida, a fala se manifesta por gritos ou choro, através do qual a criança exprime fome, sede, dor ou desconforto.

A partir dos dois meses começa a fase do balbucio, período em que todas as crianças se expressam do mesmo modo, qualquer que seja o seu idioma.

O bebê emite alguns sons, ouve e repete seus próprios gritos, num verdadeiro jogo vocal (crianças surdas não balbuciam). Esse período é importante, pois o bebê, ouvindo a si mesmo e aos outros, começa a desenvolver sua capacidade de discriminação.

Numa terceira etapa, após a criança ter aprendido a identificar e controlar alguns sons, as “palavras” aparecem. Considera-se que a criança acompanha a média geral de desenvolvimento da fala quando emprega palavras isoladas aos 12 meses, associa duas palavras aos 21 meses e usa orações curtas aos 2 anos.

Por volta dos 3 anos, ela pode dominar de quinhentas a seiscentas palavras. Muitas vezes, porém, ao lado dos vocábulos emitidos corretamente aparecem alguns deformados por dificuldades mecânicas de emissão, já que os órgãos da fonação ainda não possuem agilidade suficiente para emitir determinados fonemas.

Mas ou menos aos 5 anos, o mecanismo de emissão deve estar desenvolvido e a linguagem já se apresenta estruturada. A partir dessa idade, a criança tem condições de expressar verbalmente seus desejos e de utilizar termos apropriados. Jose e Coelho, (1997, p.37).

A pesquisadora acredita que este fato não deve ser examinado com rigidez, porque a ação de proceder pode exibir traço próprio para a criança, estando ligado a fatores como circunstância de nascimento, dificuldades de disposição física, grau de faculdade de compreender, aprender ou adaptar-se facilmente, meio ambiente, escola etc.

2.6 PROCESSOS DA CAPACIDADE LEITORA

Considera-se a leitura como uma habilidade complexa, na qual intervém uma Série de processo cognitivo – lingüísticos de distintos níveis, cujo inicio é um estímulo visual e cujo final deve ser a decodificação do mesmo e sua compreensão. Refiro-me aos processos básicos e superiores da habilidade leitora. s processos básicos da leitura são também chamados de “processos de nível inferior”.

Sua finalidade é o reconhecimento e a compreensão das palavras. Dentro destas encontram-se a decodificação e a compreensão de palavras. Os processos

superiores ou de nível superior têm por finalidade a compreensão de textos, devendo-os ser considerado no ensino do português e na aprendizagem da lectoescrita uma vez que funcionam de modo interativo ou interdependente.

Os processos básicos, isto é, que se voltam à decodificação e à compreensão de palavras, são particularmente importantes nas primeiras etapas da aprendizagem da leitura (ou leitura inicial na educação infantil) e devem ser automatizados ou bem assimilados no primeiro ciclo do ensino fundamental (até a quarta série), já que um déficit em algum deles atua como um nó de gravata que impede o desenvolvimento dos processos superiores de compreensão leitora.

Processos perceptivos – O leitor atinge a decodificação através dos processos perceptivos e léxicos. Os perceptivos referem-se à percepção visual.

A percepção visual permite a extração de informações sobre coisas, lugares eventos do mundo visível. Portanto, a percepção é um processo para aquisição de informações e conhecimentos, guardando estreita relação com a memória de longo prazo (MLP) e a cognitiva.

A percepção é uma das primeiras atividades que tomam parte do processo leitor e a forma mais específica da percepção visual.

Aprendemos a ler com o poder do olhar, essa operação visual se dá assim : os olhos se movimentam da esquerda para direita mediante uns saltos rápidos denominados “ movimentos oculares sacádicos “. No percurso da leitura, vamos alternando fixações e movimentos sacádicos e somente podemos ler e compreender o que lemos nos períodos em que nós fixamos, em cerca de um quarto de segundo (com a faixa média sendo de cerca de 150-500 MS com uma média de 200-250 MS) nos olhos no texto. (ELLIS, 1995, p.17).

Processo léxico – Depois da análise perceptiva, o passo seguinte é chegarmos ao significado das palavras que, no ensino da língua materna, é realmente, o que interessa aos professores, à escola e a família aos próprios alunos.

Se nosso objetivo é também a leitura em voz alta, então, devemos trabalhar a soletração, a entonação ou a pronúncia escorreita das palavras. Dois são os caminhos que existem para chegarmos ao reconhecimento das palavras e extrairmos o significado das mesmas. Explicaremos, pois se duas rotas nos ajudam no reconhecimento das palavras: a) a fonológica ou indireta ou também chamada via indireta (V I). b) a rota visual ou léxica ou via direta (V D).

A rota fonológica – é a que nos permite a leitura de textos, segmentando-os por força da metalinguagem, em seus componentes (parágrafos, períodos, orações, frases, sintagmas, palavras, morfemas), como também em sílabas ou em sons da fala (fonemas).

A rota fonológica é a via, pois, para se atingir a consciência fonológica, através da qual se podem ler todas as palavras em língua portuguesa, já que nosso idioma neolatino é alfabético e transparente, isto é não tem palavras, a rigor, irregulares, impossíveis de serem lidas (exceto os estrangeirismos).

Podemos, enfim, resumir os objetivos da via fonológica no processo de aquisição da leitura: Identificar as letras através da análise visual; Recuperar os sons mediante a consciência fonológica; Pronunciar os sons da fala fazendo uso do léxico auditivo; Chegar ao significado de todas as palavras no léxico interno (vocabulário).

A via fonológica é mais lenta que a via direta já que o processo requerido é muito mais extenso até chegamos a reconhecer a palavra, no entanto, não é menos importante e, inclusive, podemos afirmar que os estágios iniciais da aprendizagem da leitura dependem da consciência fonológica.

A rota visual ou direta ou léxica - É uma rota global e muito rápida já que nos permite o reconhecimento global da palavra e sua pronúncia imediata sem necessidade de analisar os signos (significante e significado) que a compõem.

Os passos que temos na leitura de palavras através da via direta são: Analisar globalmente a palavra escrita: análise visual; Ativar as notações léxicas; Chegar ao significado no léxico interno (vocabulário); Recuperar a pronúncia no caso de leitura em voz alta.

“ O modelo de leitura através da rota direta permite explicar a facilidade que temos para reconhecer as palavras cuja imagem visual tem visto com muita frequência. Isto é, através desta rota podemos ler palavras que nos são familiares em nível de escrita. A rota direta é base para a prática do método global de leitura, também chamado construtivista”. (MARTINS, 2002, p. 03).

A pesquisadora leciona o segundo ciclo do Ensino Fundamental, todavia descobriu vários obstáculos no processo de ensino e aprendizagem das crianças,

para vencer estas barreiras, se fez necessário efetuar reflexões, preparando estudos, com relação ao avanço do processo da aprendizagem, propiciando momentos prazerosos, onde desenvolvera interesse pela Leitura e Escrita.

Sabe-se que é indispensável favorecer á criança vivenciando diversas situações em que os mesmos possam manifestar suas dificuldades de aprendizagem através de atividades propostas.

“Diante deste novo pensamento. A noção de conhecimento de que há uma rede de concepções e de modelos. Na qual nenhuma parte é mais importante que a outra. Vale dizer que não poderíamos priorizar. Ou ate mesmo culpar uma das partes que compõem o universo da aprendizagem de uma criança. Que é sua família; ela mesma, sua escola, sua cidade. Como educador pretende entender a tua dinâmica em que os acontecimentos e seus diferentes entendimentos são compartilhados: A estrutura pessoal da criança, a dinâmica familiar, seu ambiente afetivo, a condição sócio-econômica e cultural, os recursos de que dispõe sua cidade e como a criança se constrói inserida nessas relações de saberes e de poderes. O sintoma de Dificuldades de Aprendizagem aqui é compreendido como parte da formação da estrutura do todo” (CAPRA, 1997, p.74).

As crianças com Dificuldades de Aprendizagem devem receber interferências. Pedagógicas adaptada e rica quanto ao método do ensino - aprendizagem. Passar a ter instrução para que desbloqueiem suas dificuldades, podendo mudar a forma de sua capacidade, dinâmica de aprendizagem. Aqui podem focalizar também os educando com história de repetências e privação sociocultural e as crianças com Dificuldades de Aprendizagem.

“A controvérsia sobre a definição da criança com Dificuldades de Aprendizagem não é recente, e essa problemática influi na tomada de decisões sobre a reforma do ensino afetado, em última análise, o futuro dos seres humanos e o desenvolvimento total de uma sociedade. A negligência sobre essa matéria dá margem às perspectivas pessimistas que existem no sistema de ensino, dificultando as soluções integradas. Sendo preocupantes as implicações no nível familiar e escolar. A seriedade psicoeducacional do problema não está equacionada sistematicamente e não se conhecem seus contornos escolares e clínicos, bem como sua repercussão quanto aos período críticos de desenvolvimento. É necessário uma reflexão sobre as características do aluno e

do professor, a criança traz para a escola, em todas as fases, um conjunto de valores sobre envolvimento, competências e pré-requisitos de aprendizagem; de processamento, elaboração e comunicação de informação; de conhecimento e estratégias de aprendizagem, que requerem um diagnóstico psicoeducacional equacionado em áreas fortes e fracas que possam abrir a expectativa para seu potencial dinâmico de aprendizagem, partindo do seu nível de desenvolvimento potencial “ (JARDIM, 2001, p. 69 e 70).

A pesquisadora percebe que é importante tornar-se claro o pensamento teórico das Dificuldades de Aprendizagem, pois examinando pode ser proveniente o padrão e estratégias que dêem fundamentos mais seguros para sua avaliação ou mais próximos a ela. As Dificuldades de Aprendizagem descreve uma questão de solução difícil, problemas centrais na educação contemporânea, tanto por sua complicada definição teórica, como pelas dificuldades de sua maneira de interpretar as causas do ensino.

“A definição da criança com Dificuldades de Aprendizagem exige que todos esses componentes sejam considerado de forma sistemático, só podendo ser abordada com essa observância e abrangência. Deve considerar os seguintes parâmetros: adequada oportunidade de aprendizagem; discrepância entre o potencial de Aprendizagem e os resultados escolares; e fatores de exclusão. A adequada oportunidade de Aprendizagem engloba uma avaliação da criança, do envolvimento e das interações dialéticas que materializam as relações indivíduo - meio. As Dificuldades de Aprendizagem pode ser uma repercussão da falta ou carência de oportunidades, enquanto as desordens de aprendizagem equivalem a problemas mais severos, como as incapacidades de aprendizagem, nas desordens ou incapacidades de aprendizagem, a identificação de disfunções é clinicamente constatada, porque existem anomalias neurológicas expressivas ou lesões cerebrais facilmente detectadas pelos processos convencionais. Nas Dificuldades de Aprendizagens não surgem sinais disfuncionais severos, apenas sinais disfuncionais ligeiros com mais implicações exógenas que endógenas” (VAUGHN e BOS, 1988, p. 98).

Para a autora o problema de Aprendizagem, por conseguinte, não são sinônimos de Dificuldades de Aprendizagem; eles tornarem-se desordem essencial no método de aprendizagem que obstruir muitas crianças e jovens de chegar um

rendimento escolar satisfatório. A criança ou jovem com dificuldades de aprendizagem mostrar-se discrepância mental e o desempenho, desviando em efeito escolar insatisfatórios.

Os estudos realizados por VAUGHN e BOS, (1988, p. 99), afirma que:

“Em geral o jovem ou crianças com Dificuldades de Aprendizagem apresenta um QI (quociente de inteligência) dentro ou acima da média, e um aproveitamento escolar, abaixo dela em algumas áreas, mas não em outros. Identifica-se também em crianças ou jovens superdotados, com QI superior a 120, que, em muitos casos. Apresentam dificuldades significativas na leitura, na escrita e nos cálculos. As Dificuldades de Aprendizagem sugerem em comprometimento no processo de informação, com uma pequena desordem psiconeurológica que afeta a função cognitiva. De quando o cérebro aprende e um dos grandes enigmas da ciência atual, pois não se sabe precisamente como o faz, existindo apenas inferências”.

3 CAUSAS DOS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA

Os distúrbios de aprendizagem na área da leitura e da escrita podem ser atribuídos mais variadas causas.

Orgânicas: cardiopatias, encefalopatias, deficiências sensoriais (visuais e auditivas), deficiências motoras (paralisia infantil, paralisia cerebral etc.), deficiências intelectuais (retardamento mental ou diminuição intelectual), disfunção cerebral e outras enfermidades de longa duração.

Psicológicas: desajustes emocionais provocadas pela dificuldade que a criança tem de aprender, o que gera ansiedade, insegurança e autoconceito negativo.

Pedagógicas: métodos inadequados de ensino; falta de estimulação pela pré-escola dos pré-requisitos necessários à leitura e à escrita; falta de percepção, por parte da escola, do nível de maturidade da criança, iniciando uma alfabetização precoce; relacionamento professor-aluno deficiente; não-domínio do conteúdo e do

método por parte do professor; atendimento precário das crianças devido a superlotação das classes.

Sócio-culturais: falta de estimulação (criança que não faz a pré-escola e também não é estimulada no lar); desnutrição; privação cultural do meio; marginalização das crianças com dificuldades de aprendizagem pelo sistema de ensino comum.

Dislexia: um tipo de distúrbio de leitura que colocamos como causa porque provoca uma dificuldade específica na aprendizagem da identificação dos símbolos gráficos, embora a criança apresente inteligência normal, inteligência sensorial e receba estimulação e ensino adequados.

Devido à falta de informação dos pais, dos professores da pré-escola e à dificuldade de identificar os “sintomas” antes da entrada da criança na escola, a dislexia só vai ser diagnosticada quando a criança estiver na primeira ou segunda série do Primeiro Grau. Nesse sentido, a dificuldade na leitura significa apenas o resultado final de uma série de desorganização que a criança já vinha apresentando no seu comportamento pré-verbal, não-verbal, e em todas aquelas funções básicas necessárias para o desenvolvimento da recepção, expressão e integração, condicionadas à função simbólica. MYKLEBUST, (1997, p.83,84).

Para a autora a dislexia, significa o que falta para completar na capacidade de simbolizar, o primeiro momento da existência a se fixar a criança de enfrentar acolhendo ou expressivamente com o ato ou efeito de representar a realidade, ou de preferência, com a imagem empregada da realidade, ou antes, com a simbolização da realidade, ou poderíamos, da mesma forma, chamar pelo nome do mundo.

4 DISLEXIA

A dislexia como causa dos distúrbios de leitura, porque a criança disléxica demonstra sérias dificuldades com a identificação dos símbolos gráficos no início da sua alfabetização, o que acarreta fracasso em outras áreas que dependem da leitura e da escrita.

Agora, com mais detalhes vamos focar a dislexia como um distúrbio específico do indivíduo em lidar com os símbolos (letras e/ ou número), para que esse indivíduo possa ser ajudado pelos professores na sala de aula.

Algumas das principais dificuldades apresentadas pela criança disléxica, de acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), são: Demora a aprender a falar, a fazer laço nos sapatos, há reconhecer as horas, a pegar e chutar bola, a pular corda. Tem dificuldade para escrever números e letras corretamente; ordenar as letras do alfabeto, meses do ano e sílabas de palavras compridas; distinguir esquerda e direita.

Necessitam usar blocos, dedos ou anotações para fazer cálculos. Apresenta dificuldade incomum para lembrar a tabuada. Sua compreensão da leitura é mais lenta do que o esperado para a idade. O tempo que leva para fazer as quatro operações aritméticas parece ser mais lento do que se espera para sua idade. Demonstra insegurança e baixa apreciação sobre si mesma.

Confundem-se às vezes com instruções, números de telefones, lugares, horários e datas. Atrapalha-se ao pronunciar palavras longas. Tem dificuldade em planejar e fazer redações.

O esforço de lutar contra as dificuldades, a censura e a decepção às vezes leva a criança disléxica a manifestar sintomas como dores abdominais, de cabeça ou transtornos de comportamento.

Em geral, ela é considerada relapsa, desatenta, preguiçosa, sem vontade de aprender, o que cria uma situação emocional que tende a se agravar, especialmente em função da injustiça que possa vir a sofrer.

Muitos conflitos e frustrações acompanham o disléxico e sua família, pois, sendo ele normal intelectualmente, as expectativas da família são sempre muito altas.

Reprovação e abandono escolar é ocorrência comum na vida escolar do disléxico. Existem também conseqüências mais profundas, no nível emocional, como diminuição do autoconceito, reações rebeldes e delinqüências, ou de natureza depressiva. (JOHNSON e MYKLEBUST, 1997, p. 90,91).

A pesquisadora afirma que o ato de motivar é muito essencial para a criança Disléxica, pois, ao pressentir restritivo, menosprezadas, ela perturbar-se e tomar sobre si uma atitude de negação.

Por outro lado, quando se vê compreendida e apoiada, adquirir confiança em si mesma e firmeza de querer ajudar.

Os disléxicos necessitam de acolhimento mencionado ou tratado de modo especial tanto quanto outros imperfeitos, na área da fala ou expressão de caráter particular, mas necessitar, e muito, do amparo do educador.

4.1 FATORES QUE INFLUENCIAM A DISLEXIA

Existem fatores que ELLIS, (1993, p.19,28) influenciam ou determinam e afetam a facilidade ou dificuldades do reconhecimento de palavras, a saber: a) familiaridade, b) freqüência, c) idade da aquisição, d) repetição, e) significado e contexto, f) regularidade de correspondência entre ortografia-som ou grafema-fonema e g) interações.

4.2 A DISLEXIA COMO FRACASSO INESPERADO

A dislexia, segundo Jean Dubois et alii (1993, p. 197), é um defeito de aprendizagem da leitura, caracterizado por dificuldades na correspondência entre símbolos gráficos, às vezes mal reconhecidos, e fonemas, muitas vezes, mal identificados.

A dislexia, segundo o lingüista, interessa de modo preponderante tanto a discriminação fonética quanto ao reconhecimento dos signos gráficos ou à transformação dos signos escritos em signos verbais. Também não é uma doença, mas um fracasso inesperado (defeito) na aprendizagem da leitura, sendo, pois uma síndrome de origem lingüística. Muitas das causas da dislexia resultam de estudos comparativos entre disléxicos e bons leitores. Podemos indicar as seguintes: a) Hipótese de déficit perceptivo, b) Hipótese de déficit fonológico e c) Hipótese de déficit na memória.

Desse modo, são considerados sintomas da dislexia relativos à leitura e escrita os seguintes erros: Erros por confusões na proximidade espacial: a) confusão de letras simétricas, b) confusão por rotação e c) inversão de sílabas.

Confusões por proximidade articulatória e seqüelas de distúrbios de fala: a) confusões por proximidade articulatório, b) omissões de grafemas e c) omissões de sílabas.

As características lingüísticas, envolvendo as habilidades de leitura escrita, mais marcantes das crianças disléxicas, são: A acumulação e persistência de seus erros de soletração ao ler e de ortografia ao escrever.

Confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de grafia: a-o; c-o; e-c;f-t; h-n; i-j; m-n; v-u etc. Confusão entre letras, sílabas ou palavras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço : b-d; b-p; d-b; d-p; d-q;n-u; w-m; a-e. Confusão entre letras que possuem um ponto de articulação comum, e cujos sons são acusticamente próximos : d-t; j-x; c-g; m-b-p; v-f .Inversões parciais ou totais de sílabas ou palavras : me-em; sol-los; som mos; sal-las; pal-pla.

4.3 A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA

Falar em memória, no ambiente escolar, muitas vezes provoca uma confusão. Memorizar acredita muitos alunos (e também professores) é sinônimo de decorar. Nada mais equivocado.

Neste momento você vai ver como a decúria não tem nada a ver com um dos processos mais complexos e fascinantes do cérebro humano, a capacidade de armazenar informações processá-las, criar conexões e permitir que cada um de nós se lembre de dados, históricos, pessoas, conteúdos escolares. (GROSSI, 2003, p. 6).

Desta maneira procuramos evocar a capacidade de decorar e também de aprender.

4.4 LEMBRE-SE SEM MEMÓRIA NÃO HÁ APRENDIZAGEM

Durante séculos, na escola, memorizar foi sinônimo de decorar nomes, datas e fórmulas. Afinal, eram esses os conhecimentos sempre exigidos nas provas, nas chamadas e nos testes. Com base nos estudos sobre o processo de aprendizagem

da criança, concluiu-se que a decúria era inimigo da educação. E a memória – confundia com repetição – foi posta de castigo.

A pesquisadora afirmar que a memória é tudo o que serve de fundamento ou apoio de todo o tempo durante o qual um ser existe, desde o princípio. A qual deve trabalhar e impulsionar é ela que nos dá alcance ao habitual e nos permiti juntar experiências para tornar útil durante toda a vida.

Segundo COONDEMARIN (1987, p. 23),

“Outras perturbações da aprendizagem podem acompanhar os disléxicos: Alterações na memória, alterações na memória de séries e seqüências, orientação direita - esquerda linguagem escrita, dificuldades em matemática, confusão com relação às tarefas escolares, pobreza de vocabulário, escassez de conhecimentos prévios (memória de longo prazo). No caso da criança em idade escolar, a Psicolingüística define a dislexia como um fracasso inesperado na aprendizagem da leitura (dislexia), da escrita (disgrafia) e da ortografia (dissortografia) na idade prevista em que essas habilidades já devem ser automatizadas. E o que esse denomina de dislexia de desenvolvimento. No caso do adulto, tais dificuldades quando ocorrem depois de um acidente vascular cerebral (AVC) ou traumatismo cerebral, dizemos que se trata de dislexia adquirida”.

A dislexia, como Dificuldades de Aprendizagem, verificada na educação escolar, é um distúrbio de leitura e de escrita que ocorre na educação infantil e no ensino fundamental. Em geral, a criança tem dificuldade em aprender a ler e escrever e, especialmente, em escrever corretamente sem erros de ortografia, mesmo tendo o Quociente de Inteligência (Q.I) acima da média.

O psicólogo Jesus Nicasio García, afirmar que: “Além do Q.I acima da média, devem ser excluídas do diagnóstico do transtorno da leitura as crianças com deficiência mental, com escolarização escassa ou inadequada e com déficits auditivos ou visuais. (1998, p. 144).

4.5 DÉFICIT DE ATENÇÃO

Algumas crianças vivem no mundo da lua, outras parecem plugadas na tomada. Mas nem todas precisam de tratamento. Que tal medir o grau de Transtorno do Déficit de Atenção (TDA) do seu aluno, antes de encaminhá-lo ao psicólogo.

Alunos agitados ou desatentos sempre causam preocupação. Antes de atribuir a eles algum tipo de perturbação, contudo, é preciso observá-los atentamente. Existe hoje uma tendência pelo diagnóstico do (TDA).

Mas nem sempre o comportamento que destaca o aluno do grupo está relacionado ao distúrbio. Há uma série de componentes sociais que também levam a criança a manifestar-se de modo não-convencional.

Por isso, informar-se sobre o assunto e conversar com os pais são os primeiros passos na busca de um encaminhamento para a questão.

Apesar de a medicina ainda não contar com dados conclusivos sobre formas de tratamentos, o TDA é considerado um distúrbio psiquiátrico, portanto, uma doença.

Na escola, os indícios de que uma criança possui esse mal precisam ser registrados por no mínimo seis meses antes de encaminhar o aluno a um possível tratamento.

Uma série de tratamentos vem sendo pesquisada, mas nada se mostrou superior á associação de remédios com acompanhamento psicológico. Dentro da psiquiatria, avalia-se que o número de usuários de medicamentos ainda é menor que o de doentes.

A pesquisadora diz que vários professores, todavia, confiar que em procedimento natural e excitado dos alunos pode estar sendo identificado como Transtorno do Déficit de Atenção.

Tomamos por base a proposta de Mabel Condemarín (1989, p. 55),

“A dificuldades de aprendizagem relacionadas com a linguagem (leitura, escrita e ortografia)”, pode ser inicial e informalmente (um diagnóstico mais preciso deve ser feito e confirmado por neurolinguista) diagnosticado pelo professor de

língua materna, com formação na área de letras em habilitação em Pedagogia, que pode vir a realizar uma medição da velocidade da leitura da criança, utilizando, para tanto, a seguinte ficha de observação, com as seguintes questões a serem prontamente respondidas: A criança movimenta os lábios ou murmura ao ler? A criança movimenta a cabeça ao longo da linha? Sua leitura silenciosa é mais rápida que a oral ou mantém o mesmo ritmo de velocidade? A criança segue a linha com o dedo? A criança faz excessivas fixações do olho ao longo da linha impressa? A criança demonstra excessiva tensão ao ler? A criança efetua excessivos retrocessos da vista ao ler? Dislexia de desenvolvimento é o primeiro distúrbio específico de linguagem a ser considerado, porque o mais comum e melhor compreendido distúrbio de aprendizagem da infância, assim fornece um modelo do que gostaríamos de saber sobre todos estes distúrbios de aprendizagem". (WITTER, 1997, p. 47).

A parte de rever de pesquisar iniciar com conhecimento sobre definição refletida e também introduzir informações sobre outros distúrbios de desenvolvimento da fala e da linguagem, bem como sobre o que é conhecido a respeito de suas semelhanças com a dislexia.

"De maneira simples dislexia de desenvolvimento é uma dificuldade inesperada na aprendizagem de leitura e soletração. Inesperada significa que não há qualquer razão óbvia para a dificuldade como, por exemplo, escolarização inadequada, desvantagem sensorial periférica, lesão cerebral adquirida". (BENTON e PEARL, 1978, p. 47).

Fatores genéticos como também ambientais podem motivar a dislexia. Porque há intensidade de uma etiologia em cada classe, a dislexia é, sem incerteza, etiologicamente luterogênea. Ao lado genético, há qualidades de transmissão poligênica, transmissão recessiva e transmissão dominante acitossômica.

"Após temos considerado a dislexia e distúrbio da linguagem, o distúrbio de aprendizagem mais comum que vem a seguir é o distúrbio de Déficit de atenção iteratividade (DDH). Encaramos o DDH 'verdadeiro' como um subgrupo, tanto dentro do amplo grupo pode crianças presentemente identificadas como DDH como dentro da ampla categoria de Déficits da função executiva; as provas em favor destas hipóteses e contrário às mesmo serão discutidos adiantes. Quem o DDH envolva ou não um déficit da função executiva (FE), a categoria dos déficits na FE é importante para o entendimento de quem diagnóstica, visto como há um número relativamente, elevado de criança com problemas de aprendizagem, cujas dificuldades são de difícil compreensão sem recorrer a esta categoria" (NETTO, 1983, p. 87).

Diante das informações de Netto, temos em seguida a segunda q exceção de dislexia, de outros distúrbios dialeto, ou Déficit da finalidade executiva, excessivamente distúrbios de aprendizagem que existir, resta ocorrer muito menos continuando. Estão dentro desta categoria os distúrbios de reminiscência adquiridos.

“Dos prismas Sociológicos, sujeitos masculinos com distúrbios de aprendizagem provavelmente podem chamar mais a atenção clínica, porque causam mais preocupação aos pais e aos professores quando estão tendo dificuldades na escola é necessário pesquisar mais esta questão, mas as lições é que as aparentes diferenças de sexo nos índices de ocorrência não podem ser interpretadas de forma simples” (SATZ & ZAIDE, 1983, p. 49).

É entendido como rumo da aprendizagem, apreciar o aluno como sujeito da aprendizagem. O que o educador tem a edificar é colocar o aluno em condições favorável para que partindo de suas necessidades e incentivando a empenhar-se, e possa recorrer por si mesmo conhecimento e práticas.

“Em termos da história escolar, as Dificuldades Disléxicas tornam-se evidentes na primeira ou segunda série, e podem estar presentes em pré-escolares com problemas para aprender o alfabeto nomes das letras ou outras habilidades de pré-leitura, é pouco provável que não se possa dispor facilmente de dados de sua historia pré-escolar e das primeiras séries do nível elementar”.

Nesta perspectiva, é preciso considerar os mecanismos de acerto que possam ser observados.

“Além disso, os sintomas apresentados podem ter mudado. O paciente pode agora ler, embora mais lentamente do outros sujeitos da mesma idade, e as principais queixas podem envolver desempenho deficiente em testes com tempo estipulado ou dificuldades para completar os deveres de casa. Durante o teste de uma criança, é importante estar atento em relação a dificuldades sutis de linguagem e a erros de leitura e de soletração que são características da dislexia, por exemplo; algumas crianças são evialmentes quietas, porque apresentam problemas em relação ao encontro da palavra e na formulação verbal”.

As crianças podem querer fazer algo que não possa ser trabalhado, isto se deve as questões de ordem intelectivas e isto deve ser observado.

“Estes e outros problemas correlatos de linguagem são observáveis nas escolas de Q.I.D. Wechsler, por exemplo, problema para encontrar palavras tende a se manifestar nos subtestes de vocabulário e de completas figuras, as observações de comportamento mais importantes ligam-se aos erros de leituras e soletração cometidos pela criança, há quatro tipos principais de erros em leitura: falta de fluência, erros nas palavras funcionais, erros visuais (tentativas de adivinhar a palavra como um todo) e localização quando da leitura de não – palavras” (BISHOP, 1986, p. 74).

Os testes de QI hoje não tem mais o prestígio da comunidade acadêmica porque foi notado que estas questões podem não está contempladas no dia a dia da amostra em estudo.

“A situação dos disléxicos, se torna mais complexa porque muitas pessoas, inclusive professores desconhecem o distúrbio, o cuidado na avaliação é prioridade, uma vez que a existência de uma ou duas características não significa que a criança é disléxica, o diagnóstico preciso só pode ser feito após a alfabetização, entre a primeira e a segunda série, no caso em que as suspeitas procedem, o primeiro passo é excluir as possibilidades de outros distúrbios” (LOPES, 2005, P. 61).

Neste sentido o ajuste de particularidade e a quantidade variam. Em declaração de dislexia, é preocupante a falsa dislexia, quando, a escola alfabetiza precocemente, e o educador não seguir a mesma direção porque não tem idade madura neurológica suficiente. Há dúvida de procedência neurológica, sensoriais, emocionais ou idênticos, dificuldades de aprendizagem por deixar de haver ensino adequado ou de um meio sócio-cultural que satisfaz.

4.6 SUGESTÕES PARA AJUDAR A CRIANÇA DISLÉXICA

Entre as sugestões apresentadas pela Associação Brasileira de Disléxica (ABD), em texto de MARION WELCHMANN, (1997, p. 91), destacamos: Estabelecer horários para refeições, sono, deveres de casa e recreações.

As roupas do disléxico devem ser arrumadas na seqüência que ele vai vestir para evitar confusões e preocupações à criança (simplificar usando zíper em vez de botões, sapatos e tênis sem cordão e camisetas).

Quando for ensinar a amarrar os sapatos, fique de frente para a criança; coloque-se com os braços sobre os ombros dela. Como a criança disléxica tem dificuldade para saber as horas, marque no relógio, com palavras, as horas das obrigações. Isso evita a preocupação da criança.

Para as que têm dificuldade com direita e esquerda, uma marca é necessária. Isso pode ser feito com um relógio de pulso, um bracelete ou um botão pregado no bolso do lado favorecido. Reforçar ordem das letras do alfabeto, cantando e dividindo-as em pequenos grupos. Ensinar a criança à “sentir” as letras através de diferentes textos de matérias, como areia, papel, veludo, sabão etc.

Ler histórias que encontrem no nível de entendimento da criança. Instruir as crianças canhotas precocemente, para evitar que assumam posturas pouco confortáveis e mesmo prejudiciais, como encobrir o papel com a mão ao escrever. Providenciar para que a criança use lápis ou caneta grossos, com película de borracha ao redor e que seja de forma triangular.

A criança disléxica confunde-se com o volume de palavras e números com que tem de se defrontar. Para evitar isso, arranjar um cartão de aproximadamente 8 cm de comprimento por 2 cm de largura, com uma janela no meio, da largura de uma linha escrita e comprimento de 4 cm.

Deslizando o cartão na folha à medida que criança lê, ele bloqueia o acesso visual para as linhas de baixo e de cima e dirige a atenção da criança da esquerda para a direita.

5 DISTÚRBIOS DA ESCRITA

Descobrimos como base em três exemplos de distúrbios na caligrafia: as disgrafias, as disortografias e os erros de formulação e da parte gramática.

Disgrafia; É a dificuldade em passar para a escrita o estímulo visual da palavra impressa. Caracteriza-se pelo lento traçado das letras, que em geral são ilegíveis.

A criança disgráfica não é portadora de defeito visual nem motor, e tampouco de qualquer comprometimento intelectual ou neurológico. No entanto, ela não consegue idealizar no plano motor o que captou no plano visual.

A pesquisadora aponta que existem numerosos níveis de disgrafia, a partir da falta de capacidade de firmar um lápis ou de riscar uma linha, até posta por crianças que tem capacidade de criar desenhos puro mas não de imitar imagem ou palavras mais complicadas.

Disortografia: Caracteriza-se pela incapacidade de transcrever corretamente a linguagem oral, havendo trocas ortográficas e confusão de letras. Essa dificuldade não implica a diminuição da qualidade do traçado das letras.

As trocas ortográficas são normais durante a primeira e segunda séries do ensino fundamental, porque a relação entre a palavra impressa e os sons ainda não está totalmente dominada.

A partir daí os professores devem avaliar as dificuldades ortográficas apresentadas por seus alunos, principalmente por aqueles que trocam letras ou sílabas de palavras já conhecidas e trabalhadas em sala de aula.

Os principais tipos de erro que a criança com disortografia costuma apresentar são: Confusão de letras (trocas auditivas): - consoantes surdas por sonoras: f/v, p/b, ch/j; - vogais nasais por orais: na/a, em/e, in/i, on/o, um/u. Confusão de sílabas com tonicidade semelhante: cantarão/ cantaram. Confusão de letras (trocas visuais): - simétricas: b/d, p/q; - semelhantes: e/a, b/h, f/t. Confusão de palavras com configurações semelhantes: pato/ pelo. Uso de palavras com um mesmo som para várias letras: casa/ caza, azar/ asar, exame/ ezame (som do z).

Além dessas trocas podem surgir dificuldades em recordar a seqüência dos sons das palavras, que são elaboradas mentalmente, Surgem então: omissões (caxa/ caixa); adições (árvovore/ árvore); inversões (picoca/ pipoca); fragmentações (em contraram/ encontraram; a parecer/ aparecer); junções (Umdia o menino/ Um dia o menino); contaminação, na palavra, de uma letra por outra próxima (brincadeira/ brindadeira). JOHNSON e MYKLEBUST, (1997, p. 267,268).

A autora ainda aponta que à memória referente à visão da criança, que mostrar disortografia devemos dar estímulo freqüentemente. Isto deve ser resolvido através de quadros onde constem as letras do alfabeto, os conjuntos de símbolos e os números, para que ela possa tornar útil ao passo que faz seu estudo representando uns caracteres de escrita.

6 DISTÚRBIO DE ARITMÉTICA

A matemática é uma linguagem expressa através de símbolos. Assim sendo, cabe abordar aqui as dificuldades dos alunos que não conseguem compreender instruções e enunciados matemáticos, bem como as operações aritméticas, pois é necessário que eles superem as dificuldades de leitura e escrita antes de poderem resolver as questões matemáticas que lhes são propostas.

Discalculia: É A dificuldade em aprender aritmética pode ter várias causas: pedagógicas, capacidade intelectual limitada e disfunções do sistema nervoso central. Essas desordens têm sido consideradas como formas de discalculia (Cohn)

Johnson e Myklebust, em seus trabalhos terapêuticos com crianças que apresentavam desordens e fracassos em aritmética (discalculia), consideraram necessário que a terapia desses casos se baseasse na natureza da deficiência.

Os autores, então, agruparam a aritmética com os distúrbios correlatos abaixo descritos: Distúrbios de linguagem receptivo-auditiva e aritmética: A criança com uma desordem de linguagem receptivo-auditiva não é necessariamente deficiente nas relações quantitativas da aritmética. Ela se sai bem em cálculos, mas é inferior no que diz respeito ao raciocínio e aos testes de vocabulário aritmético. Memória auditiva e aritmética: Há dois tipos de distúrbio de memória auditiva que interferem na matemática: - problemas de reorganização auditiva que impedem a criança de recordar número com rapidez; ela reconhece o número quando o ouve mas nem sempre consegue dizê-lo quando quer; - a criança não consegue ouvir os enunciados apresentados oralmente e não é capaz de guardar os fatos, o que a impede de resolver os problemas matemáticos propostos.

Distúrbios de leitura e aritmética: As crianças com distúrbios de leitura, entre elas os disléxicos, apresentam dificuldades para ler os enunciados dos problemas,

mas são capazes de fazer cálculos quando as questões são lidas em voz alta. Distúrbio de escrita e aritmética: As crianças que têm disgrafia não conseguem aprender os padrões motores para escrever letras ou números.

O ensino dos conceitos matemáticos pode ser fornecido a elas de outras maneiras, até que o distúrbio de escrita tenha diminuído.

7 DISTÚRBIOS DE COMPORTAMENTO

Os distúrbios de comportamento constituem um assunto de grande preocupação para os professores porque, embora muitos casos exijam assistência especializada, a 'criança-problema' geralmente permanece em sala de aula, mesmo enquanto o tratamento está se realizando.

Características básicas: Muitos psicólogos classificam os distúrbios de comportamento em duas categorias principais: problemas de conduta e problemas de personalidade.

Os problemas de conduta relacionam-se a comportamentos que perturbam totalmente as outras pessoas e podem ser dirigidos contra elas, visto que são hostis, agressivos, destrutivos, às vezes envolvendo delinqüência e psicopatologia.

Os problemas de personalidade são de caráter neurótico e podem ser chamados de 'comportamento esquivo', isto é, criança tem medo dos outros, sente-se ansiosa, evita situações que possam expô-la à crítica, ao ridículo ou à rejeição. Pode manifestar certo grau de hostilidade, mas a menos que esteja submetida a um grau incomum de tensão, refreia essa hostilidade ou dirige-a contra si própria, sob forma de culpa ou autocrítica.

Fatores dos distúrbios: Os distúrbios de comportamentos freqüentemente tensão criados ou agravados por conflitos, dos quais o mais comum é o do aluno proveniente de um lar em que os valores e os padrões aceitáveis de comportamento estão em contraste direto com os da escola.

Quando esse aluno descobre que é incapaz de agradar ou satisfazer tanto à sua família como a seu professor, é possível que expresse o conflito através de algum tipo de problema de comportamento. Outros conflitos comuns são os criados pelo atrito entre adultos e adolescentes e pelas contradições quanto aos padrões de

comportamentos, especificados pelo grupo de companheiros das crianças, de um lado, e pelos adultos, de outro.

8 METODOLOGIA:

O presente trabalho tem como referencial teórico-metodológico a experiência vivenciada na Escola Municipal Presidente Café Filho na cidade de Lago Salgada, RN. Na pesquisa das “Dificuldades de Aprendizagem” na Leitura e Escrita no segundo ciclo do Ensino Fundamental.

Este trabalho é do tipo investigativo feito a partir de uma abordagem encontrada na educação pública.

A opção por este tipo de estudo se justifica pelo fato dos educando terem dificuldades de descrever, interpretar e compreender os processos da leitura e escrita no Ensino Fundamental.

Priorizamos neste trabalho apenas a dimensão pedagógica com enfoque na questão da aprendizagem do fazer docente

Observando-se qual método de aprender ler e escrever dos alunos e como os mesmos gostariam de vencerem os desafios. Os sujeitos foram nomeados da seguinte forma: Alunos meninos. Pedrinho1; Pedrinho 2 ; Pedrinho 3. Mães 1, 2 e 3.

Os sujeitos destas investigações foram os alunos da E.M.P.C. F, perfazendo um total de seis indivíduos, se constituindo da seguinte forma: três meninos e três meninas do segundo ciclo, todos residentes na Zona Urbana da cidade de Lagoa Salgada, RN. Os mesmos com idades de 9 a 15 anos, e ainda 3 mães dos alunos.

Iniciamos nossos trabalhos com leitura de diversos textos, que tratavam das Dificuldades de Aprendizagem, a essas leituras foram concentradas discussões, entrevistas e investigações na pesquisa, destinada a esse estudo, decidimos adotar como referências básicas experiências vivenciadas pela Escola M. P. Café Filho, depois fizemos uma análise nas situações de aprendizagem por meio de jogos e atividades práticas, para compreendemos melhor e nos orientar na formação das questões na formulação dos instrumentos da pesquisa.

Elaboramos seis questionários (anexo 1, 2, 3, 4, 5, 6) para alunos (as) e mães, que constitui em um conjunto de questões pré-definidas. Esse questionário

mostra seis indivíduos, três meninos e três mães, sendo os alunos representantes do quadro Municipal do município de Lagoa Salgada, RN. Finalizando a fase da análise esta refletimos as respostas apresentadas confrontando com o referencial de outros educando que fundamenta a pesquisa.

9 RESULTADOS / DISCUSSÃO:

Através de informação coletadas na Escola Municipal Presidente Café filho do ensino fundamental aplicou-se seis questionários com 3 alunos e 3 mães.

Vamos refletir sobre que os sujeitos da referida Escola pensam sobre As Dificuldades de Aprendizagem.

Em relação quantos anos começaram a estudar, pesquisando obtemos as seguintes respostas:

Meninos:

Pedrinho "1" 6 Anos

Pedrinho "2" oito anos

Pedrinho "3" 5

As respostas transcritas nos mostram que o estudo dos alunos iniciaram na idade correta, menos Pedrinho "1" por ter oito anos. Isto tem sido mostrado por (SILVA, 1996, p.18 e 19) quando afirmou :

“ Pois o aluno nessa idade convive com um único adulto durante quase todo o tempo em que esta em classe. E é o professor quem encaminha a criança na passagem do meio familiar para o desconhecido mundo da escola , tudo isso faz dele um objeto de afeições “.

Quando questionados sobre se faz amigos facilmente, obteve-se que :

Pedrinho "1" não tenho amigo porque prefiro Só

Pedrinho "2" Sim

Pedrinho "3" Sim

Dentre as manifestações emitidas sobre fazer amigos facilmente podemos constatar pelas transcrições que o aluno Pedrinho "1" apresenta uma concepção de Dificuldades de Aprendizagem. Pedrinho "2" e Pedrinho "3" apresentam respostas

coerentes, mas Pedrinho “2” ainda encontra-se em fase não satisfatória. Quanto a resposta de Pedrinho “1”, (BANNATYNE, 1971, p. 126). Afirma que:

“O meio ambiente pode atuar como facilitador do desenvolvimento, mas o potencial de aprendizagem também é parcialmente herdado. Mesmo com um envolvimento favorável, os talentos humanos se diferenciam, e essa diferenciação pertence a fatores genéticos muito complexo”.

Sobre brincar, prefere sozinho ou com outras crianças, obtemos as seguintes respostas:

Pedrinho “1” SoSinho

Pedrinho “2” colega

Pedrinho “3” com outra criança.

Verificamos que foi relatado acima e percebemos na resposta do aluno Pedrinho “1” está de acordo com a realidade, ou seja, com Dificuldades, que buscamos atender, muito mais que a sala de aula, percebe também que o aluno está acomodado sem preocupa-se com as novas metodologias que envolvam suas Dificuldades para que possa desempenhar um bom estudo e conseqüentemente uma boa Aprendizagem. Já Pedrinho “2” e “3”, gosta de brincar com outras crianças. Partindo da resposta de Pedrinho “1”, (HINSHELWOOD, 1977, p. 126) descreveu:

“Mesmo que os estudos genéricos da Dislexia ou de Dificuldades de Aprendizagem não parecem importantes para a reeducação. São indispensáveis para a clarificação de sua causa; pois esta é a chave do êxito para abordar a identificação precoce, o diagnóstico o tratamento “.

MÃES:

Fazendo uma análise nas respostas das Mães quando perguntadas se o nascimento do seu filho foi planejado responderam:

Mãe “1” não

Mãe “2” foi

Mãe “3” foi

Na concepção das Mães “2” e “3” as respostas apresentaram uma concepção de planejada, são coerentes. Já a resposta da Mãe “1” foi difícil. “A presença de mais uma complicação parece relevante drástica mesmo, em relação a fatores de desenvolvimento que predis põem às dificuldades de aprendizagem”. Afirma: (KEWI & PASMANNICK, 1958, p127).

Quando questionadas sobre alguém da família apresenta vícios, obtemos as seguintes respostas:

Mãe “1” eu Fumo

Mãe “2” mão

Mãe “3” mão

A questão da Mãe “1” tem uma presença muito forte no Aprendizado do filho, porem deixa claro que é uma forma de saber a situação do aluno no que diz respeito a Dificuldades de Aprendizagem. Como afirma (MYKLBUST, 1969, p. 117) quando diz: “Muitas tragédias e conflitos familiares, são resultados das dificuldades na infância”.

Quanto a posição dos pais em relação à vinda da criança para a escola:

Mãe “1” ótimo tudo na vida e uma criança a Escola Traz tudo Bom.

Mãe “2” mão

Mãe “3” Boa

A Mãe tem com certeza que a vinda do filho para escola é para que a criança construa o conhecimento necessário. Estudos realizados por (FERREIRO e TEBERASKY, 1985, p. 08) quando afirmar:

“A escola é o lugar, onde a criança convive com outros da mesma idade, interesses, conhecimento e necessidades que podem ser compartilhadas. Todavia, não se costuma aproveitar essas situações de intercâmbio que se dão espontaneamente por julgar que atrapalham a disciplina e dificultam o ensino. Se reconhecermos que os conhecimentos infantis são determinados pelas possibilidades de assimilação do sujeito e pelas informações do meio, podemos admitir que é num contexto de socialização que as crianças irão confrontar diferentes pontos de vista e construir seus conhecimentos. Cabe á escola possibilitar á criança vivenciar situações que irão favorecer conflitos – cognitivos e soltos conceituais em direção á apropriação da escrita / leitura.

Ao analisamos as respostas percebemos que alguns aspectos estão relacionados a Dificuldades de Aprendizagem na Leitura e Escrita.

Ainda podemos constatar que as dificuldades são conhecidas apenas como: “termos sócias e individuais sendo preocupantes as implicações no nível familiar e escolar” (JARDIM, 2001, p. 69).

Algumas destas questões exibida neste caso são insinuante de depressão ou de distúrbios afrontados de obstáculos, mas o problema com a Leitura, a soletração, os exercícios escritos e os métodos com momento marcado.

As análises comportamentais de representações em testes destes alunos mostra falta de clareza, erros em palavras funcionais, visuais e erros de soletração não fonéticos. Desta maneira, havia dados dirigido para o diagnostico de dislexia sendo os resultados em testes afirmaram este conhecimento ou determinação dos fatores influentes numa situação problemática. Desta forma (QUEIRÓS, 1978, p. 111) afirma que:

“A Dislexia é considerada uma síndrome, porque o dislético nunca tem só um problema, podendo ser considerados vários fatores causados da incapacidade de ler, escrever e de lidar com números, além de vários sintomas por meio dos quais ela se manifesta. O traço mais comum entre os disléticos é a confusão da ortografia de letras simétricas, isto é, a disortografia”.

10 RECOMENDAÇÕES FINAIS

A análise deste estudo levou a sua pesquisadora a concluir que propiciando momentos prazerosos através de histórias jogos, brincadeiras e músicas que estimulem a leitura e a escrita, superamos através de atividades propostas, possíveis dificuldades de aprendizagem.

A autora observou que ao trabalhar o desafio com as dificuldades de linguagem, dislexia, disgrafia e desortografia, obtemos a possibilidade de um inicio de trabalho das dificuldades identificadas, apontando como os fatores que influenciam na educação escolar da Escola Municipal Presidente Café Filho no município de Lagoa Salgada – RN seja a visão de dislexia, disgrafia e a ortografia.

Dislexia como dificuldades inesperadas do aprendizado da leitura, sucede quando uma criança não lê bem ou não encontra significado diante do texto escrito.

Disgrafia e ortografia expressarem-se quando há dificuldades no projeto da escrita ou do ato de escrever.

Este é um distúrbio de letra difícil que preocupa ao educador e os pais, porque tem conhecimento que o resultado escolar de seus filhos estarem sob a influência, e muito, da aprendizagem competente da leitura, escrita e ortografia,

Esperamos que essa reflexão seja útil para os que fazem a escola, facultando ao reconsiderar sobre os conhecimentos produzidos, numa perspectiva de fixar conjuntos de vínculos que ligam entre a realidade cultural e social do educando.

11 REFERÊNCIAS

BRAGA, M; LEICK, E. **Pedagogia de Projetos Interdisciplinares**. São Paulo: Rideel, 2001.

BRANDÃO, M. **A Terra e o Povo**. João Pessoa: Grafsit, 1994.

BROUGER, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 2000.

CORREA, M. H. **Trabalhando a Língua Portuguesa com Criatividade Prazer: Um Novo Caminho no Ensino**. São Paulo, ed. Scipione, , 1997.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

JARDIM, W, R. S. **Dificuldades se Aprendizagem no Ensino Fundamental: Manual da Identificação e inversões**, São Paulo: Loyolas, 2001.

JOSÉ, E. A; COELHO, M. T. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1997.

LOPES, M. da G. **Jogos na Educação: Criar, Fazer, Jogos**. São Paulo: Cortez, 1999.

LIMA, A. F. S. de O. **Pré-escola e Alfabetização**. /Petrópolis RJ: Vozes, 1998.

PAROLIN, I. C. H. **As Dificuldades e as Relações Familiares**. Curitiba/ P.R.Eventus, 2002.

PENNINGTON, B. F. **Diagnóstico de Distúrbios de Aprendizagem**. São Paulo: Pioneira, 1997.

PIAGET, J. **Formações Jogo e Sonho: Imagem Representação**, Rio de Janeiro: Loyola, 1978.

QUEIROZ, T. D. **Pedagogia de projetos interdisciplinares**, São Paulo: Rideel, 2001.

REVISTA, Nova Escola, nº 163, São Paulo, 2003.

REVISTA, Nova Escola nº 172, São Paulo, 2004.

REVISTA, Nova Escola nº 188, São Paulo, 2005.

REVISTA, Nova Escola nº 55, São Paulo, 1996.

ROCHA, E. M. B. **O processo de Ensino – Aprendizagem**. São Paulo: Global, 1980.